



## **A CIBERCULTURA COMO CAMPO DO CONHECIMENTO<sup>1</sup> Constituição a partir do campo da Comunicação**

Maria Cristina Palhares Valencia<sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP)  
Centro Universitário Assunção – Unifai

### **Resumo**

Este artigo visa analisar a expansão do campo da Comunicação a partir das temáticas da Cibercultura que, nos anos 90, passam a ser abordadas por grupos de estudos interessados em investigar os fenômenos decorrentes da interação do sujeito com as chamadas novas tecnologias. Podemos considerar que, entre diversos fatores, este é o que mais pode ter contribuído para o engendramento de uma nova área do conhecimento paralelamente à Comunicação. Buscamos compreender este processo através da noção de campo científico, de Bourdieu e da formação do imaginário científico, de Bachelard, principalmente.

### **Palavras-chave**

Cibercultura e Comunicação; Cibercultura – Campo de estudos; Cibercultura – Pesquisa.

### **Abstract**

This article aims to analyze the expansion of the Communication's field by Cyberculture's themes that, since the 1990's became a topic on the agenda from many groups that were interested in investigating phenomena that arise by the interaction between subject and new technologies. We consider that, among many factors, this is what might have contributed more to the engendering of a new area of knowledge in parallel to the Communication.

### **Key words**

Cyberculture and Communication; Cyberculture – Studing field; Cyberculture – Research.

---

1 Artigo científico apresentado ao eixo temático 7.

2 Graduada em Biblioteconomia, pela Fundação Escola de Sociologia e Política de SP, tem experiência com recuperação da informação, orientação à pesquisa bibliográfica, gerenciamento da informação em sistemas especializados e normatização de artigos científicos; é docente no Centro Universitário Assunção – Unifai; coordenadora de biblioteca na Faculdade Zumbi dos Palmares e desenvolve pesquisa de Doutorado, no programa de Comunicação e Semiótica, da Pontifícia Universidade Católica de SP (<http://lattes.cnpq.br/1656185026820150>).



## 1 Introdução

Diversos fatores podem contribuir para a expansão de um campo científico<sup>3</sup>, entre eles estão: a formação de grupos de estudos, a abordagem de determinados objetos em trabalhos apresentados em eventos específicos, em artigos publicados em periódicos e em pesquisas desenvolvidas nos programas de pós-graduação. É neste aspecto que nos interessa analisar a constituição do campo da Cibercultura<sup>4</sup> como campo de estudos a partir do interesse cognitivo de pesquisadores acerca das temáticas desenvolvidas sobre a interação entre o indivíduo e as chamadas novas tecnologias da informação e comunicação, na área da Comunicação.

Em meados da década de 1990, alguns estudiosos manifestam o interesse em investigar os fenômenos decorrentes da interação do indivíduo com as novas tecnologias capazes de rede ou de tempo real, buscando a formação de grupos de pesquisa. Neste período, surge o NTC - Centro de Estudos e Pesquisas em Novas Tecnologias, Comunicação e Cultura (aproximadamente entre os anos 1995 e 1996), na Escola de Comunicação e Arte da USP, coordenado por Ciro Marcondes, permanecendo assim até o ano de 2000.

... o NTC foi o primeiro centro intelectual do país a pesquisar e debater, com consistência, sistematicidade e inovação, e de modo teoricamente consequente e epistemologicamente crítico, temáticas emergentes vinculadas ao que então se apresentava, sob nenhum consenso e até sob parâmetros desordenados, como “sociedade informática”, “da informação”, “do conhecimento”, “mediática”, “infotecnológica” ou “tecnológica avançada”, “capitalismo cibernético”, “cultura digital”, “cibercultura”, entre outras nomenclaturas. De meados da década de 90 para cá, a mencionada tendência de estudos autodemonstrou singular vitalidade e prosperidade. Hoje, ela está marcadamente presente na Cásper Líbero, na ESPM, na PUCRS, na PUC-SP, na UDESC, na UERJ, na UFBA, na UFES, na UFF, na UFJF, na UFMG, na UFPE, na UFRGS, na UFRJ, na UFSC, na UMESP, na Unicamp, na Unisinos, na USP, na UTP e em outras importantes instituições de ensino e pesquisa, em nível de Pós-Graduação e de Graduação (TRIVINHO, 2010, p.15).

Após o NTC, surgem outros grupos também ligados ao campo da Comunicação e com o mesmo interesse em investigar os processos comunicacionais mediados por redes digitais e seus impactos em todos os setores sociais, como o FiloCom, os GTs da Compós, da Intercom, da Anpocs, da Anped, o ABCiber, entre outros.

---

3 Bourdieu, 1983.

4 O termo Cibercultura aparece em maior parte do artigo com a inicial em caixa-alta para diferenciá-lo como campo do conhecimento e não como disciplina.

## 2 A Cibercultura no campo da Comunicação

No século XXI, a comunicação é ampliada, modificada e recodificada através das novas tecnologias. Nesse sentido, a cibercultura é estabelecida e constituída, a partir da década de 1970, pelas relações entre as tecnologias da informação e de comunicação e a cultura, com a conjunção da informática e das telecomunicações, fazendo surgir novas relações sociais e configurando a cultura contemporânea (LEMOS, 2006. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/remix.pdf>>).

A área de Comunicação tem abrigado os fenômenos da cibercultura como objetos de preocupação reflexiva. Mas no campo teórico de análise, as tradicionais teorias da Comunicação parecem não ser mais suficientes, teorias como: Análise de conteúdo (Lasswell); Teoria do *two-step flow* (Lazarsfeld e Katz); Teoria crítica da Escola de Frankfurt (Adorno, Horkheimer, Marcuse e Benjamin); Teoria da apropriação contracultural dos meios de comunicação (Enzensberger); Teoria sistêmica (Luhmann); Teoria da ação comunicativa (Habermas); Estudos culturais (Williams); Teorias do imaginário (Castoriadis e Durand); Sociopsicanálise da comunicação (Prokop); Teoria das mediações (Martin-Barbero, Orozco e Canclini); Cibernética (Wiener); Teorias da saturação comunicacional (Baudrillard e Sfez); Comunicação como artifício (Flusser); Novas teorias sobre a ideologia (Zizek, Laclau e Eagleton) e Crítica da utopia da comunicação (Breton e Proulx), esgotaram-se em razão das transformações sociais, econômicas e culturais provocadas pelas novas tecnologias, reduzindo a abordagem destas em pesquisas a partir de 1995. Neste cenário, as Teorias do virtual e da inteligência artificial (Quéau e Kerckhove); Fenômeno glocal / visibilidade mediática / existência em tempo real (Trivinho); Dromocracia cibercultural (Trivinho); Teorias da *surveillance* (Lyon e Bogard); Comunicação, tempo real e campo bélico (Virilio, Bogard e Robins) e Sociologia política do capitalismo comunicacional (Negri e Negt), entre outras verificadas em resumos de Teses e Dissertações<sup>5</sup>, passam a ser abordadas em pesquisas da área, ampliando e intensificando o caráter interdisciplinar e modificando também a face da pesquisa em Comunicação no Brasil. E, neste aspecto, podemos dizer que a cibercultura configura-se como um campo interdisciplinar de conhecimento relativamente autônomo, a vinculado à área de Comunicação em matéria teórico-epistemológica e metodológica.

---

<sup>5</sup> <http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>



Talvez tenhamos que levar em conta um conjunto de elementos necessários para a formação de um novo campo científico. O engendramento de grupos de estudos interessados em investigar a Cibercultura, na área da Comunicação, pode ser considerado o primeiro indício para a formação de uma nova disciplina ou até mesmo uma área do conhecimento.

Na década de 1990, novas temáticas, no campo da Comunicação, passam a ocupar o espaço de discussões intelectuais. As mudanças nos comportamento sociais são alavancadas pelos modelos de aparato tecnológico que se ocupam de diversos setores e segmentos sociais, da venda de produtos às comunicações pessoais e formas de entretenimento.

O conceito de cultura massificada compreende uma cadeia de poder formada por “indústrias” culturais interdependentes – radiofônica, televisiva, jornalística, publicitária, fonográfica, videográfica etc., em vários subsegmentos, muitas vezes imbricados -, responsáveis pela concepção, circulação e realimentação de um rol bastante amplo e diversificado de produtos culturais, de tipo serial, relativamente padronizados, talhados partir de modelos monopolistas internacionais e majoritariamente alinhados à clausula do entretenimento. Do impresso ao audiovisual, trata-se de uma cultura irradiada a partir de um centro de operações, de comando e de transmissão, e dirigida a massas estipuladas prévia e tecnicamente como público-alvo relevantes, ao calor de uma diuturna, acirrada e sempre mutável concorrência (TRIVINHO, 2001, p. 41).

As transformações comportamentais sociais parecem caminhar lado a lado com as transformações tecnológicas, mas “a natureza do saber não permanece intacta”, pois “ela não pode se submeter aos novos canais, a não ser que o conhecimento possa ser traduzido em quantidade de informação” (LYOTARD, 1986, p. 4). As novas pesquisas parecem-se subordinar “à condição de tradutibilidade dos resultados eventuais em linguagem de máquina”. Nesse sentido, pesquisadores estariam inventando outros ‘aprenderes’. A imposição dominante da informática prescreve as maneiras do fazer científico através do discurso aceito pelo campo do saber.

### **2.3 A Cibercultura como campo do conhecimento**

Além do interesse dos pesquisadores pela Cibercultura, demonstrado através da formação dos grupos de estudos, outros fatores são de igual importância para delinear o campo. Em uma breve pesquisa realizada recentemente em bibliotecas virtuais, de associações e grupos de pesquisa<sup>6</sup>, identificamos em trabalhos publicados em eventos da área da

---

<sup>6</sup> <http://www.compos.org.br/>



Comunicação, alguns termos que apontam temáticas da cibercultura: civilização mediática, *clusters*, comunicação online, conteúdos digitais, convergências tecnológicas, virtualização, *cyberpunk*, *cyberspace*, dromocracia, glocalização, infografia, mídias locativas, mídias sociais, mobilidade, plataformas e rádios online, redes sociais, sociedade do conhecimento, sociedade da informação, sociedade mediática, visibilidade mediática, vigilância, violência invisível, tecnologias móveis, tempo real, territorialização (ou desterritorialização), transpolítica, entre outros. Para Felinto (2007, p.1), termos como “deslocamento, mobilidade e desterritorialização tornaram-se palavras-chave do jargão acadêmico dos estudos sobre a cultura contemporânea e suas tecnologias de telepresença”.

À medida que termos específicos são adotados por pesquisadores, por meio dos enunciados identificados, no contexto original de suas práticas discursivas, a terminologia empregada em trabalhos científicos demonstra um processo de reflexão, que pode ter relevância na formação estrutural de um campo do conhecimento. Neste sentido, também é possível pensar na elaboração de uma gênese da Cibercultura (FOUCAULT, 2007).

A arqueologia busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos; mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras. Ela não trata o discurso como documento, como signo de outra coisa, como elemento que deveria ser transparente, mas cuja opacidade importuna é preciso atravessar frequentemente para encontrar, enfim, aí onde se mantém à parte, a profundidade do essencial (FOUCAULT, 2007, p. 157).

Para Foucault (2007, p. 157), o problema da arqueologia “é definir os discursos em sua especificidade; mostrar em que sentido o jogo das regras que utilizam é irreduzível a qualquer outro; segui-los ao longo de suas arestas exteriores para melhor salientá-los”.

A noção de campo científico, em Bourdieu (1983), refere-se às condições sociais de produção em que determinado objeto, e neste caso o objeto de estudo científico, passa a ser constituído empiricamente pelas relações e condições dadas no âmbito social, pelas práticas e interações proporcionadas onde se desenvolve determinado.

Neste sentido, “O universo “puro” da ciência é um campo social como outro qualquer, com suas relações e monopólios, suas lutas e estratégias, seus interesses e lucros, mas onde

---

<http://www.portalintercom.org.br/>  
<http://abciber.org/index1024.html>

todas essas invariantes revestem formas específicas” (BOUDIEU, 1983, p. 122). Podemos considerar que os indícios partem da formação de grupos de estudos interessados na investigação de determinados objetos, e neste caso passamos a analisar a formação destes grupos.

“A ciência é um produto do espírito humano, produto conforme às leis de nosso pensamento e adaptado ao mundo exterior. Oferece portanto dois aspectos, um subjetivo e outro objetivo, ambos igualmente necessários, visto ser impossível mudar qualquer coisa tanto nas leis do espírito como nas do Mundo”. Estranha declaração metafísica que tanto pode levar a uma espécie de racionalismo reduplicativo que reencontraria nas leis do Mundo as leis do nosso espírito, quanto a um realismo universal que imporia a invariabilidade absoluta “às leis do nosso espírito” entendidas como uma parte das leis do Mundo! (BACHELARD apud BOUTY, 1908, p. 7, 1988, p. 3).

Segundo Bachelard (1988, p. 7), é difícil definir uma epistemologia porque esta pode se encontrar entre o realismo e o racionalismo. “Nem um nem outro isoladamente é suficiente para constituir a prova científica”.

Para Santaella (2001, p. 75), uma melhor compreensão da área partiria da definição do que é de fato o objeto da comunicação, como é analisado e as bases teóricas deste objeto. O campo da Comunicação é híbrido e complexo porque recebe influências de diversas áreas do conhecimento, tornando-o um campo sujeito a mutações constantes. E, é nesta fronteira que surgem os estudos a partir das temáticas ciberculturais que amplificam não apenas o caráter ‘trans-multi-interdisciplinar’<sup>7</sup> deste Campo, como também tornam a Cibercultura um campo autônomo do saber, constituindo-se paralelamente a área da Comunicação. Para Felinto (2007, p. 1), algumas disciplinas, como a antropologia, a sociologia e a filosofia têm contribuído com os estudos de objetos da Cibercultura no campo da Comunicação. No entanto, para a Cibercultura tornar-se um campo do saber, como a Comunicação, precisa resolver questões fronteiriças epistemológicas.

As sugestões apontadas por Felinto (2007) é coerente ao tema apresentado neste artigo, porque devemos de fato refletir sobre um estudo completo e detalhado, um

---

7 O termo segue as considerações apontadas por alguns teóricos de que o campo da Comunicação é de caráter transdisciplinar, multidisciplinar e interdisciplinar. O que demonstra a complexidade teórico-epistemológica deste campo do conhecimento. Neste contexto, aparece como uma sugestão para tentativa de mesclar os três conceitos.



diagnóstico, dos estudos e abordagens correntes sobre a cibercultura, ainda mais sendo esta também de caráter trans-multi-interdisciplinar, o que tornam mais complexas as definições dos objetos e das formações teórico-epistemológicas.

Para compreendermos melhor a constituição da Cibercultura como campo do conhecimento, devemos levar em consideração a noção de campo científico de Bourdieu:

(... ) o campo científico, enquanto sistema de relações objetivas entre posições adquiridas, é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial pelo monopólio da *autoridade científica* definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder político; ou, se quisermos, o monopólio da *competência científica*, compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente, isto é, de maneira autorizada e com autoridade, que é socialmente outorgada a um agente determinado. Essa legitimidade é, portanto, reconhecida socialmente pelo conjunto dos outros cientistas (que são seus concorrentes) à medida que crescem os recursos científicos acumulados e, correlativamente, a *autonomia* do campo (BOURDIEU apud LOPES, 2006, p.17).

Os valores que são intrínsecos ao pensamento científico, constituído das experiências empíricas sociais, dos fenômenos como categorias de época, do postulado de outros saberes, entre outros tendem a redimensionar o campo da Comunicação, originando talvez a área ou subárea da Cibercultura.

### 3 Considerações finais

É necessário pensarmos em uma cartografia-arqueológica, temática e teórica completa de todos os estudos acerca dos objetos da cibercultura no campo da Comunicação, como um estudo mais consistente, como uma possibilidade para considerarmos a Cibercultura como campo científico e autônomo da área da Comunicação, assim como propõe também Erick Felinto (2007), mas no sentido foucaultiano.

A multiplicação de propostas de reformulação teórica dos estudos da comunicação manifesta uma insatisfação generalizada com o estado atual do campo e a urgência de repensar seus fundamentos e de reorientar o exercício de suas práticas. São análises convergentes, se bem que nem sempre complementares, análises que realizam revisões, redefinições, reestruturações, reinterpretções e rupturas com categorias analíticas, esquemas conceituais, métodos de investigação. Não obstante, são análises reveladoras da complexidade e multidimensionalidade dos fenômenos comunicativos num mundo cada vez mais globalizado, multiculturalizado e tecnologizado, mas também cada vez mais fragmentado e desigual (LOPES, 2006, p. 19).



São as teorias da Crítica Literária, da Sociologia, da Antropologia, da História, da Filosofia, da Computação, das Engenharias, do Direito, das Ciências Biológicas, entre tantas outras, que reconfiguram o Campo da Comunicação, abordando objetos da cibercultura. Neste sentido, devemos refletir com urgência sobre o tema abordado neste trabalho.

### Referências bibliográficas

BACHELARD, G. **O novo espírito científico**: a poética do espaço. Trad. Remberto Francisco Kuhnen. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os pensadores).

BOURDIEU, P. In: ORTIZ, R. (Org.). **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155. (Grandes Cientistas, 39).

FELINTO, E. “Sem mapas para esses Territórios”: a Cibercultura como campo do Conhecimento. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30, Santos, 29 ago. – set. 2007. Disponível em: <<http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/files/others/intercom-aciberculturacomomcampo.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2011.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

LEMOS, A. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

\_\_\_\_\_. **Ciber-Cultura-Remix**. 2006. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/remix.pdf>>. Acesso em: 12 maio. 2009.

LOPES, M.I.V. de. **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. O campo da Comunicação: sua constituição, desafios e dilemas. **Famecos**, Porto Alegre, RS, v. 30, p. 16-30, quadrimestral, ago. 2006.

LYOTARD, J-F. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

MATTELART, M. **História das teorias da comunicação**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

SANTAELLA, L. **Comunicação e Pesquisa**: projetos para Mestrado e Doutorado. São Paulo: Hacker, 2001. 215p. (Coleção Comunicação).

TRIVINHO, E. **A dromocracia cibercultural**: lógica da vida humana na civilização mediática avançada. São Paulo: Paulus, 2007.





\_\_\_\_\_. Cibercultura e existência em tempo real. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, ago. 2007. Disponível em: <http://compos.org.br/e-compos>. Acesso em: 20 maio. 2009.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura e humanidade:** acerca da articulação nacional de um novo campo interdisciplinar no Brasil. São Paulo: ABCiber – Associação Brasileira de Cibercultura, 2009. (I – Nota introdutória). Disponível em: <<http://abciber.org/publicacoes/livro1/introducao>>. Acesso em: 29 set. 2010.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar da teoria.** Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

\_\_\_\_\_. **Redes:** obliterações no fim do século. São Paulo: Annablume; FAPESP, 1998.

VIRILIO, P. **O Espaço crítico:** e as perspectivas do tempo real. São Paulo: Editora 34, 2005.